

AMÉRICO VESPÚCIO

E quantos contribuíram, com o seu saber ou ousadia, para o devassamento do Novo Mundo, nenhum logrou tamanha nomeada, nem provocou tão contraditórias opiniões a respeito dos seus méritos, do que o terceiro filho de ANASTÁCIO VESPÚCIO.

Não se lhe conhece com precisão a data do nascimento embora haja quem a fixe em 4 de março de 1451.

Mas, apuraram os seus biógrafos que a aprendizagem lhe começou em Pisa, com o tio JORGE, dominicano, ao mesmo tempo em que principiava a adquirir conhecimentos acerca de operações financeiras, a que se dedicava a sua gente.

Conheceu Paris, em companhia do primo GUIDANTÔNIO, enviado como embaixador junto à corte de LUÍS XI, por volta de 1478.

Vocação mercantil acentuada orientou-lhe as iniciativas que lhe aumentaram os haveres.

Como ainda lhe sobejasse curiosidade intelectual, cuidou simultaneamente de aperfeiçoar os estudos geográficos.

Em 1491, presentindo por ventura a nova era, que as atividades marítimas da Península descerravam à Europa, escolheu Sevilha para apropriado centro de operações.

Aí se deixou empolgar pelos estonteantes feitos de COLOMBO e seus parceiros.

Aproximou-se dos nautas arrojados, de quem se tornou provedor de quanto necessitassem. De princípio, associado a J. BERARDI, até dezembro de 1495, quando, falecido o companheiro, assumiu as responsabilidades totais da firma.

Do mesmo passo atendia aos pendores que o impeliam, ora à prática de simples mercador, ora às solicitações da cosmografia.

Operara também em casa bancária de Cadiz, por escolha de LORENZO DE PIER FRANCESCO DE MÉDICIS, a quem se mostraria afeiçoado.

Afinal, a 18 de maio de 1499, despediu-se do porto, donde partiram os navios comandados por ALONSO DE HOJEDA, em um dos quais o piloto-mor JUAN DE LA COSA orientava a trajetória.

Afirmam os apologistas de VESPÚCIO que lhe coube a chefia da expedição, cuja derrota descreveu mais de uma vez, em escritos cuja autenticidade tem sido contestada pelos que lhe negam as apreçoadas habilidades de mareante.

Meticuloso exame gerou a suspeita de serem apócrifas algumas das cartas endereçadas a LOURENÇO MÉDICIS e a PIETRO SODERINI.

A primeira tomou o título de Mundus Novus, a segunda de Lettera, outra de Quatuor Navigaciones, além das que não tiveram denominação especial.

Para uns, o florentino conheceu o rio Amazonas, pelo qual navegou em distância de 18 léguas, antes de perlongar, a sudeste, o litoral, até o cabo de São Roque.

Para outros, a caravela, em que se acomodara, apenas fronteu a embocadura do Oiapoque, donde seguiu para as ilhas já assenhoreadas pelos espanhóis, a noroeste.

Vagas referências aos acidentes topográficos observados de bordo e a carência de coordenadas explicam a diversidade irreconciliável de interpretações a respeito da viagem de 1499, como também ocorreu com as duas seguintes, em navios portugueses.

Por incumbência de D. MANUEL, como registou, ufano, em uma de suas comunicações a amigos de alta hierarquia, ou por interesse comercial, de que não se libertara de todo, o certo é que em maio de 1501 deixou o porto de Lisboa, em rumo do Brasil, de cujo litoral se aproximou nas imediações do paralelo de 5°.

Daí, acompanhando a costa, conheceu o cabo de S. Agostinho, além do qual percorreu ainda cerca de 600 léguas, pela sua estimativa.

A 7 de setembro de 1502 estava de novo em águas do Tejo, donde se afastou, pela segunda vez, por maio de 1503, na flotilha confiada à perícia de GONÇALO COELHO.

Depois de breve parada em Cabo Verde, prosseguiram as seis naus, que na primeira quinzena de agosto foram ter a desconhecida ilha, destinada a figurar nas referências com mais de uma denominação, Quaresma, pelo mapa de Cantino, São Lourenço, no Esmeraldo de Situ Orbis, São João, no documento de doação régia de janeiro de 1504, finalmente, recordou C. MALHEIROS DIAS, Fernão de Loronha, "nome do seu primeiro donatário e que se conserva na nomenclatura geográfica com as formas de FERNÃO DE NORONHA e FERNANDO DE NORONHA".

Após o naufrágio da capitânia, separaram-se as naus restantes, indo GONÇALO COELHO, com três, para o sul, em viagem de reconhecimento, enquanto VESPÚCIO, com duas, aproava para a baía de Todos os Santos, possivelmente conhecido na viagem anterior.

Por coincidência de data, se o descobrimento se efetuou a 1.º de novembro, ou acaso devido a sugestão sua, como assegura um dos escritos imputados à sua redação, aprazia-lhe rever, na terra bravia, o mesmo título a que se acostumara desde à infância, no bairro de residência de sua família, onde se erguia a igreja de "San Salvadore d'Ognisanti", conforme acentuou PEDRO CALMON, ao justificar o topônimo inaugural da sua Baía.

Embora continuasse até Cabo Frio, onde lhe atribuíam a fundação de uma feitoria, a descrição do que observou não se compara em precisão e opulência de informes, com a expressiva carta de PÊRO VAZ DE CAMINHA.

Em percurso muito mais dilatado, não conseguiu fixar aspectos característicos da nova terra, cujas peculiaridades o escrivão da feitoria de Calicut definiu com segurança, apesar de somente a conhecer em limitado trecho.

Todavia, não escasseiam a VESPÚCIO os arroubos da imaginação que lhe inspiraram, em carta a LOURENÇO DE MÉDICIS, exaltado hino à "terra ameníssima e com infinitos

arvoredos viridentes e grandes, que nunca despem a folhagem, e que durante o ano inteiro trescalam suavísimos e aromáticos odores e dão frutos incontáveis, muitos de gosto delicioso e salutareos ao corpo. Os campos produzem muitas ervas, flores e raízes macias e benéficas e tanto me maravilham pelo perfume dos arbustos e das flores, pelo sabor dos frutos e raízes, que eu pensava estar nas cercanias do Paraíso terrestre.

Que dizer da qualidade de aves e das suas plumagens e coloridos, e do seu variado canto e da sua formosura! Não quero alongar-me sobre isto, pois duvido que me acreditem!" (*História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, p. 197).

Ultimada a navegação à beira do Tejo, a 18 de junho de 1504, apressou-se em deixar Portugal.

Egresso, por motivos desconhecidos, de Lisboa, já se achava em fevereiro seguinte na Espanha, onde logrou, em breve prazo, promissora carta de naturalização.

Por ato de 6 de agosto de 1508, afirmou NAVARRETE, obteve a nomeação de piloto-mor, com os vencimentos anuais de 75 000 maravedis, quando já a sua fama náutica se espalhara além das fronteiras ibéricas, mercê da correspondência enviada a amigos italianos de alto coturno.

Sedenta de informações a respeito das terras ultramarinas, a Europa acolheu, pressurosa, o *Mundus Novus*, cuja primeira edição os bibliógrafos recuam a fins de 1503.

A carta que se continha nesse título, endereçada a LOURENÇO DE MÉDICIS, abrasou o entusiasmo de WALDSEEMULLER, que decisivamente contribuiu para a glorificação vespuciana.

Em *Cosmographiae introductio*, de 1507, a que se anexou a versão de Quatuor Americi Vespucci Navigaciones, sugeriu o cosmógrafo alemão, que à terra nascente para o mundo civilizado, se applicasse o nome de quem se lhe afigurava ser o seu descobridor.

"Nada sei, afirmou, que nos possa impedir de denominá-la, de direito, Amerigem ou América, isto é, a terra de Americus, em honra do seu descobridor Americus, um homem de mentalidade sagaz, uma vez que tanto a Europa como a Ásia receberam nomes de mulheres". (Ap. T. O. MARCONDES DE SOUSA — *Américo Vespucci e suas viagens*, 1949).

E de acordo com a indicação, ao desenhar o litoral brasileiro, inscreveu o título predestinado a generalizar-se rapidamente: — América.

Pela primeira vez aparecia em mapa o termo bem sonante, apadrinhado por quem usava o pseudônimo helênico de *Ilaconylus* ou *Hylaconylus*, como a denunciar pendores de humanista.

Diante da nomeada crescente do mercador florentino, transfigurado em imortal pregoeiro do Novo Mundo, como que esmorecia a estrêla de COLOMBO, que já se aproximava do ocaso.

Assim começou a consagração de VESPÚCIO, baseada nas cartas que redigiu com inigualável argúcia.

Tamanha perspicácia evidenciou ao elaborá-las, que tanto os seus panegiristas como os contrários separaram algumas, argúidas de apócrifas, por causa das incongruências dos informes e confusões resultantes.

Divergem, apenas, quanto à escolha das peças inquinadas de errôneas pela colaboração de irrestritos admiradores.

Para uns será falsa a que não incorrerá no mesmo defeito, quando apreciada por outro aquilatador.

De sorte que talvez nenhuma sobraria, perfeita, se fôsem aceitas as condenações de quantos as examinassem com atenção.

Não se lhes descobriu ainda os originais, cujo exame pudesse atalhar qualquer dúvida.

Por isso, até a atualidade perduram as divergências de opinião a respeito do competidor de COLOMBO, na glória do descobrimento do Novo Mundo.

A nomes insígnies, de apologistas, entre os quais se alistaram WALDSEEMULLER, iniciador do culto, que mais tarde, em vão, tentou reprimir, BANDINI, HUMBOLDT, VARNHAGEN e tantos outros, opõem-se os de LAS CASAS, HERRERA, C. MARKEN, o visconde de SANTARÊM e os doutos defensores da prioridade portuguesa na concepção da continentalidade das terras descobertas por C. COLOMBO, ao norte, e pela armada cabralina, ao sul do equador.¹

Essa é justamente uma das conquistas atribuídas pelos seus adeptos a VESPÚCIO, a quem consideraram também autor de um processo de determinar longitudes, além de ter distribuído topônimos pelo litoral brasileiro.

Fora de dúvida, entretanto, é que, antes de 1500, conheceu o mar das Antilhas, e, depois navegou, a serviço de D. MANUEL, ou de mercadores italianos, com os quais mantinha amistosas relações, por longo trecho da costa do Brasil.

Serviu de piloto-mor à Espanha, no decurso do último quadriênio de sua vida, tipicamente renascentista, até sucumbir, a 22 de fevereiro de 1512, em Sevilha, após lograr a ventura de assistir à glorificação do seu nome, proposto e adotado para individuar o continente que se interpunha entre a Europa e a Ásia, também designados por títulos femininos, assim como a *África*.

Não houve geógrafo, em verdade, tão mimado pelas boas fadas, que pudesse ufanar-se de tamanha homenagem, maior que tôdas as obtidas pelos contemporâneos, ainda os mais eminentes, da classe de COLOMBO e PEDRO ÁLVARES CABRAL.

¹ O *Boletim* n.º C. V. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, contém a erudita monografia do professor T. O. MARCONDES DE SOUSA — *Américo Vespucci e suas Viagens* — cujo capítulo I menciona os escritores que versaram o assunto, a favor ou contra a glorificação do famoso florentino.

